



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/editor:</b> Rey Chow	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> Not like a Native Speaker: on Linguaging as Postcolonial Experience	<b>Data da ficha:</b> 2 de Abril 2018
<b>Editora:</b> Columbia University Press	
<b>Ano:</b> 2015	
<b>ISBN:</b> 9780231151450	
<b>Páginas:</b> 188	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Apesar de tendermos a vê-la como uma superfície natural, a pele, para uma pessoa de cor, é um meio interativo, essencial para o modo como se constrói enquanto sujeito. Para Chow, a fala é, tal como a pele, condicionada por discursos que sujeitam as pessoas de cor a uma “amputação ontológica”, figurando-os como seres deficitários. Como tal, algumas destas pessoas tentam embranquecer, afirmando-se, de forma “protética”, como seres plenos ao mesmo tempo que se auto-destroem e se desfiguram. Chow usa o termo “tom” para designar o modo como som e cor convergem na formação da identidade. O autor centra-se fundamentalmente no racismo implícito (“linguaging”) ao modo de falar que as pessoas de cor são encorajadas a adotar em *call-centers* controlados por empresas ocidentais. Chow joga com as palavras “call” e “calling” (vocação), argumentando que os *call-centers* cumprem um papel ideológico e “biopolítico” na formação do sujeito de cor, encorajando-o idealizar a fala estandardizada do branco (incluindo o tom confiante e entusiástico) e a replicá-la, moldando o corpo (o aparelho fonador, bem como o seu humor e maneira de ser).

No primeiro capítulo aborda a relação de Derrida (judeu argelino) com a língua francesa, que diz não ser a sua; no segundo capítulo, retoma o debate entre Achebe e Thiong’o sobre a língua que os autores pós-coloniais devem adotar na sua escrita, centrando-se aqui naquilo a que chama a “xenofonia”, isto é, o modo como os falantes nativos discriminam certas pronúncias; o terceiro capítulo aborda a relação entre práticas contemporâneas de tradução e a deterioração das línguas nativas; no capítulo quatro, Chow foca-se no ato de comer como “oralidade alternativa” (um outro modo de fazer sentido, usando o

corpo) e, em particular, na forma como o ato de “ingerir/engolir” é reconfigurado como estratégia de resistência, sobrevivência e inclusão/incorporação pelo silêncio e a afasia; por fim, no capítulo cinco, Chow volta-se para o modo como a tecnologia do rádio afeta a produção identitária (ao apresentar a voz como artefacto, opõe-se a Derrida, que a via como algo imediato e como sinónimo de presença).

Na secção final da introdução, Chow diz-nos também que irá abordar o modo como a passagem ao mundo digital e informático tem contribuído para o esquecimento da tradição ancestral da caligrafia, substituída por uma produção escrita (com teclado) de micro-gestos. Ao mesmo tempo que isto acontece, há, no entanto, cada vez mais pessoas de outras culturas que tentam aprender a falar e escrever Mandarim, “colorindo” as suas vozes de amarelo. Como é que devemos entender este fenómeno à luz, por um lado, da crítica feita anteriormente a estratégias de “embranquecimento” e, por outro, do facto de que, entre chineses, a língua é usada para discriminar aqueles (operários e camponeses) que não a dominam. Neste contexto, de que forma separamos os falantes nativos dos estrangeiros? E de que forma é possível entender estas formas de perda e auto-destruição (embranquecimento, afasia) de um modo não inteiramente negativo?

### **1.2. Palavras-chave:**

Racismo; Estudos Pós-Coloniais; Biopolítica; Tecnologia;

Grupos Transculturalidades e Transmedialidades

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Chow, Rey (2015), *Not like a Native Speaker*. Columbia University Press.